

Erick Felinto**Pensamento Poético e Pensamento Calculante:
o Dilema da Cibernética e do Humanismo em Vilém Flusser.¹**

Em 2004, o grande teórico da mídia alemã, Frederich Kittler, que morreu em outubro do ano passado, publicou um livro muito curioso chamado *Unsterbliche*, “imortais”. Era um livro com pequenos textos em que Kittler fazia uma homenagem a alguns de seus grandes heróis intelectuais. E todos esses heróis intelectuais eram pessoas ligadas à tecnologia. Por exemplo, Alan Turing, Claude Shannon e Nobeert Wiener – um dos pais dessa disciplina, ou antidisciplina, que é a Cibernética. E nesse livro Kittler conta uma anedota muito curiosa sobre Wiener. Wiener estava numa agência postal, nos correios. Tinha um envelope em cima da mesa e Wiener olhava esse envelope com uma cara perplexa, meio parado, assim, andava para um lado e para o outro. Ninguém sabia o que ele estava fazendo ali. De repente, chega um estudante, olha para ele e fala: “*Professor Wiener!*” e o Wiener se vira e diz: “*That’s it: Wiener!*”. Ele tinha esquecido o próprio nome. (Risos) Parece inacreditável, mas é verdade. O Wiener tem várias histórias desse gênero, que fazem um contraste interessante entre a figura de um dos maiores gênios esquecidos da história da humanidade – porque hoje praticamente já não se fala mais no Wiener – essa capacidade que ele tinha de abstrair completamente o mundo da vida cotidiana. Mas é curioso porque o Wiener aprendeu a ler com três anos de idade, com cinco anos ele recitava poesia em Latim e Grego, com nove anos ele dominava matemática. Aos onze anos ele entrou na universidade e depois teve essa trajetória fantástica, monumental, como um dos maiores pensadores na área da ciência, da matemática, da filosofia. E teve uma obra vasta que a gente conhece.

É interessante também a anedota pelo fato de que ela põe em relevo o próprio elemento fundamental dessa disciplina que o Wiener ajudou a criar, que foi a Cibernética. Porque no momento em que o sujeito esquece quem ele é, é na verdade uma espécie de princípio cibernético que tem a ver com o esvaziamento da subjetividade. A Cibernética era uma ciência que se propunha estudar o controle dos sistemas. E quando eles falam em sistemas, eles entendem tanto sistemas vivos como sistemas maquinais – uma vez que na Cibernética não existe diferença

¹ Texto elaborado a partir da fala do professor Erick Felinto no *Simpósio Flusser em Fluxo*, que aconteceu nos dias 24 e 25 de maio de 2012 na Universidade Federal do Ceará. Transcrição de Larissa Vasconcelos, Anna Cavalcanti e Isabelle de Moraes e revisado pelo autor. Currículo do autor: <http://lattes.cnpq.br/2018614878087334>

entre máquina e organismo – e Wiener se dedicou então a investigar de que maneira seria possível criar leis, princípios, capazes de controlar esses sistemas e combater o princípio natural da entropia, que é a perda de energia dentro de um sistema, e criar assim o diferente, criar a vida. O ser humano ou vivo, o que tem de singular, é exatamente a capacidade de combater tal força, essa perda de energia entrópica, e continuamente produzir diferença.

Eu cito essa anedota, cito Wiener, porque eu queria falar aqui para vocês hoje, um pouquinho, sobre essa conexão curiosa que liga a Cibernética ao pensamento do Flusser. É estranho porque muito poucas vezes analistas da obra do Flusser se debruçaram sobre esse tema: a relação que ele, Flusser, tinha com a Cibernética, que compôs uma parte fundamental do pensamento flusseriano. Meu objetivo aqui é traçar um pouco as conexões entre esses dois universos e tentar explicar porque tão pouca gente se dedicou a investigar essa conexão e porque ela é uma conexão tão importante.

É interessante a gente lembrar que a história da Cibernética é uma das histórias mais fascinantes das ciências duras e das ciências humanas nos últimos anos. É uma história que parece um romance de espionagem. A Cibernética nasce numa época de guerra, em meio a invenções científicas, em meio a produtos que visavam a colaborar para o esforço de guerra. E o Wiener trabalhava para desenvolver sistemas de acoplagem entre, por exemplo, o avião, que tinha a metralhadora, e o soldado, que no avião tinha que operar essa metralhadora e atingir o inimigo com o máximo de eficiência possível. É interessante como vários desses pensadores, que depois vão ser fundamentais para o campo da comunicação, tiveram alguma espécie de relação com o esforço de guerra. Então é uma história muito fascinante. Envolve espionagem, envolve essa questão da guerra e envolve a criação de uma visão de mundo radicalmente diferente de tudo que se conhecia até então, que é a visão da Cibernética.

O objetivo de Wiener nas suas pesquisas era fazer com que o controle do operador da metralhadora emergisse não da mente do oficial comandante, mas sim das interações complexas e probabilísticas de homens, máquinas e eventos em seu entorno. Ou seja: ele tinha prever como fazer para que houvesse o mínimo possível de erro humano na acoplagem do sujeito com a máquina. E a partir daí, então, a Cibernética foi se desenvolvendo. Uma disciplina que era fundamentalmente interdisciplinar, porque ela dialogava com vários outros campos do conhecimento, e que tinha a pretensão de ser, na verdade, a ciência de todas as ciências. O objetivo da Cibernética, bem pouco modesto, era na verdade explicar o Universo e identificar as leis que fazem com que esse Universo funcione. Mas uma ciência, uma disciplina baseada numa terminologia altamente maquínica. Porque o vocabulário da Cibernética, a gente até conhece, algumas dessas palavras foram incorporadas ao nosso cotidiano como, por exemplo, o *feedback*, a retroalimentação, o controle, *input*, *output*, *black box*, informação, entropia... Todo esse vocabulário

que na cultura tecnológica, principalmente na cultura digital em que a gente vive, passou a fazer parte da nossa realidade cotidiana.

Mas a Cibernética é uma ciência muito polêmica. Para muita gente a Cibernética representava uma espécie de atentado à soberania humana. Porque homens, animais e máquinas eram colocados no mesmo patamar. Não havia diferença essencial entre um sistema humano, um sistema animal e um sistema maquínico. Então, é claro, a Cibernética foi extremamente criticada. A gente encontra dois exemplos interessantes de críticas a Cibernética num trabalho recente, um livro da Celine Lafontaine, em que ela denuncia a Cibernética pelo fato de ter colaborado com um processo de desumanização do homem. O que é um paradoxo, porque o Wiener era um pensador profundamente humanista. O Wiener, depois que ele se envolveu com os esforços de guerra, passou a fazer propaganda contra a guerra. Ele passou a, nos seus escritos, pregar ideais humanistas, defender a primazia do homem em relação a fenômenos naturais... Então havia aí uma contradição interessante. E o que é mais paradoxal é que, por exemplo, se a Celine Lafontaine critica o Wiener por ele ter provocado uma desumanização do homem, ser um dos pais, por exemplo, da ideia de ciborgue, a entidade maquínica, orgânica e artificial.

Por outro lado, a gente encontra em outro livro muito interessante da Katherine Hayles, uma crítica do Wiener, exatamente pela razão oposta. Porque ele manteve na sua obra um resquício humanista que o impedia de fazer uma crítica interessante à concepção tradicional do sujeito dominante, do sujeito ocidental, o sujeito que está na plena posse das suas faculdades, e que ocupa o topo na hierarquia do mundo. Então é interessante a gente ver como dos dois lados o Wiener, coitadinho, foi combatido tanto por ser, aparentemente, humanista quanto por ser um anti-humanista. Essas contradições são interessantes porque elas são constitutivas do pensamento do Wiener.

E como é que isso aparece na obra do Flusser? Que questão é essa que ele vai recuperar da Cibernética que é tão fundamental para o pensamento dele e porque isso é interessante para nós hoje, passados tantos anos sem que ninguém mais, aparentemente, fale sobre a Cibernética? Como se essa disciplina tivesse morrido, passasse a moda da Cibernética, e atualmente, então, praticamente tivesse caído no esquecimento. Mas a verdade é que a Cibernética não desapareceu. Ela continuou subterraneamente fertilizando o campo da epistemologia, da ciência do conhecimento... A Celine Lafontaine, inclusive, autora desse livro que critica bastante o Wiener, diz: a Cibernética está na base de praticamente tudo que apareceu nos últimos quarenta anos no campo das ciências humanas e em boa parte daquilo que aconteceu na tecnologia, no campo das ciências, como uma espécie de forma subterrânea do pensamento. E a gente pode inclusive lembrar de um exemplo interessante, que é como o Derrida, na *Gramatologia*, um livro que já se tornou um clássico da filosofia, recupera a Cibernética. Ele diz: o que tem de interessante na

Cibernética é a ideia do programa. Porque para a Cibernética, de fato, o homem, tanto quanto a máquina, é um ser programado.

Então Derrida, no começo da *Gramatologia*, faz um elogio ao Wiener. Ele diz: essa ideia é interessante porque mostra para gente que o ser humano não é aquela entidade espiritual dominante, que tem pleno controle do mundo a sua volta porque na verdade ele também é controlado, ele é escrito por uma série de programas. Ele é determinado por esses programas. Existe algo que é anterior ao espírito, essa ficção que a gente inventou para colocar o humano no topo do mundo, esse algo anterior ao espírito é aquilo que ele chama então de *a inscrição*. O programa. Os vários tipos de programas que a gente opera. Programas culturais, programas científicos etc.

E ao mesmo tempo a gente pode também recuperar a Cibernética por uma outra vertente interessante que aparece, por exemplo, no livro do Andrew Pickering, chamado *The Cybernetic Brain*, onde ele fala que a Cibernética desenvolve uma nova ontologia, muito rica, muito curiosa. Uma nova visão do mundo. Ele diz: a Cibernética trouxe para a gente uma visão da ciência que não é aquela ciência que quer dominar o mundo todo, a ciência moderna, a ciência que quer submeter à natureza ao seu império, como uma forma de poder absoluto. Não. Ele diz que a Cibernética criou uma concepção da ciência que tem a ver com a ideia de *black box*.

E o que é essa ideia de *black box*? É a noção de que você tem um sistema e que você conhece só o *input* e o *output*, ou seja, você faz alguma coisa e do outro lado vem um resultado. Você não precisa conhecer dentro da *black box* como ela funciona para que ela possa operar. Então é uma visão da ciência que não é mais a da ciência moderna que quer conhecer o mundo todo, que quer eliminar todo o mistério, explorar a natureza, mas é uma visão da ciência performativa. Ela quer produzir performance. Ou seja, a tecnologia inclusive pode se mover a partir do mero conhecimento do *input* e do *output* – sem que eu tenha necessidade de saber como todos os sistemas funcionam nos seus mínimos detalhes.

Flusser chegou a perceber, inclusive, que a Cibernética iria retornar como uma forma de pensamento importante na contemporaneidade. Em vários momentos da obra dele ele fala sobre isso: como a Cibernética vai reemergir numa cultura em que a máquina vai passar a desempenhar papéis semelhantes aqueles que os homens desempenham. E que a máquina pode ter, inclusive, uma dimensão criativa. Em várias instâncias da obra dele ele repete como a cultura tecnológica – e ele estava vivendo aquele momento de nascimento da cultura digital – como é que ela iria recuperar o pensamento cibernético.

É muito estranho que ninguém, ou quase ninguém, tenha falado sobre isso. Porque a obra do Flusser está pontuada por referências à Cibernética. O Flusser, como foi dito aqui antes, era um pensador que praticamente não citava autor. A gente não encontra referências. De vez em

quando a gente vê lá um McLuhan, um Walter Benjamin. Mas ele era um pensador que pensava a partir da sua própria experiência vital e se apropriava do pensamento alheio. Mas a Cibernética ele cita o tempo todo. Têm várias referências importantes à Cibernética. A biblioteca de viagem do Flusser, que foi preservada parcialmente no arquivo Flusser, é muito interessante. O Flusser tinha realmente um gosto muito singular. Ao mesmo tempo em que ele lia muitos livros sobre a tradição esotérica (Nova Era, não. Nada a ver com Nova Era...) – a tradição esotérica antiga, clássica... Ao mesmo tempo em que ele tinha essa curiosidade, tinha livros do Jacob Boehme, Julius Evola, grandes autores da tradição, a gente encontrava na biblioteca dele toda a obra do Wiener, “Deus, Golem & Cia”, por exemplo, encontrava também referências a autores que tinham estudado a Cibernética no campo das artes, como, por exemplo, o Nicolas Schöffer e a Yelena Saporina, vários livros sobre a Cibernética.

Em termos dos autores que tentaram explorar essa questão, talvez tenha uns três ou quatro artigos. Tem um artigo do Philip Gochenour que compara a noção de sujeito do Flusser com a noção Cibernética. Ele diz: o Flusser desenvolve uma noção de sujeito muito interessante. Esse sujeito não é evidentemente aquele sujeito humanista clássico, aquele que tem a posse da sua consciência e do mundo, mas é um sujeito em rede – ele não usava tanto essa palavra, ele falava em sociedade telemática. Mas quando falava em sociedade telemática, ele estava falando da cultura contemporânea, estava falando da cultura das redes, da Internet, dessa civilização digital, a que determina as nossas formas de cognição, nossas formas de existência.

Então, Gochenour faz essa aproximação e diz que o modelo de sujeito flusseriano é um modelo profundamente marcado pela concepção Cibernética. Ele compara esse sujeito do Flusser com os famosos termostatos dos cibernéticos. Os cibernéticos gostavam de criar termostatos. O que era isso? Eram aparatos que estavam programados para responder ao meio ambiente, recebiam um *input*, um impulso do meio ambiente, e produziam um determinado tipo de resposta, adaptavam-se ao ambiente – assim como o sujeito flusseriano é um sujeito que se adapta às circunstâncias do ambiente e funciona como uma espécie de interseção nodal entre várias forças.

Um outro trabalho interessante é uma tese de mestrado, que foi defendida na Alemanha, de um estudante chamado Severin Matusek: “Vilém Flusser e a diferença analógico-digital do interior da fotografia”, onde esse sujeito, o Matusek, observa um aspecto fundamental para entender como é que se opera na obra do Flusser, que é também um paradoxo, uma contradição. O Flusser foi um autor que, ao mesmo tempo, foi muito marcado pela Cibernética, mas que também tinha uma leitura muito forte da obra do Heidegger. Esses dois modos de pensamento entram em choque porque de um lado a Cibernética prega uma espécie de matematização do mundo – a gente pode, através dos princípios da Cibernética, entender todo o universo como se

fosse uma grande equação matemática. E você pode, então, nessa dessa ideia da caixa preta, pensar em *input*, *output*, traduzir o mundo numa série de termos, de fórmulas matemáticas, enquanto que o Heidegger dizia: “A Cibernética é a morte da Filosofia, a Cibernética é o fim da filosofia, porque a Cibernética impõe à filosofia um pensamento calculante”. Não mais um pensamento de ordem poética, de ordem criadora, de ordem libertária, mas um pensamento calculante, matemático. Essas duas forças entram em choque, mas elas aparecem no pensamento do Flusser conjuntamente.

Muito interessante ver, por exemplo, como o Flusser absorve isso no projeto daquilo que seria uma grande concepção, uma grande ideia do Flusser, que é o projeto da Comunicologia. A Comunicologia era uma espécie de ciência, também uma ciência universal – olha que interessante, a gente hoje que trabalha no campo da Comunicação, nós estamos (se tomarmos a tabela do CNPq) incluídos dentro da área das Ciências Sociais Aplicadas. A Comunicação é uma parte das Ciências Sociais Aplicadas. O Flusser pega a Comunicologia e faz uma inversão. Ele diz: “A Comunicologia não é uma parte das ciências sociais ou das ciências humanas. A Comunicologia é aquilo que as ciências humanas estão dentro dela”. Ou seja, essa inversão caracteriza a Comunicologia como uma espécie de um saber universal. Ele diz: “A função da Comunicologia é ser uma espécie de superciência dedicada a investigar todo o campo do comércio simbólico do homem. Toda a economia simbólica das trocas das informações numa sociedade”. Porque, evidentemente, o que ele reparava era que a singularidade do homem é que a gente combate a entropia, a morte, ao transmitir informação. Essa frase, inclusive, “*We shall survive in the memory of others*” é essa ideia de que a gente continuamente se comunica, produz informação, processa informação com o objetivo final de combater a morte, de combater a fugacidade da existência humana. Tem um elemento poético aí muito bacana, muito bonito, que é essa ideia de que a língua, a comunicação, a informação, elas nascem como uma forma de resistir à morte. Então, num texto, por exemplo, que foi coletado nesse volume “*Kommunikologie*”, um texto que se chama “O processo da comunicação humana” (*Der Vorgang der menschlichen Kommunikation*), o Flusser propõe uma espécie de teoria geral das Ciências Humanas. E, nesse livrinho, olha que interessante o que ele fala. Ele diz assim: “Nessa nova ciência não pode aparecer o conceito metafísico de espírito” ou *Geist*. Em alemão, as ciências humanas se diz *Geisteswissenschaften*, ciências do espírito. Então, ele propõe ali uma maneira de tirar esse componente inexplicável, essa coisa que para alguns é a dignidade do homem, porque nós temos alma, nós temos espírito, tirar esse elemento de dentro das *Geisteswissenschaften*.

Nesse sentido, a proposta do Flusser se aproxima da tese do autor que eu citei no começo da minha fala, Frederich Kittler, esse teórico da mídia alemão. Ele diz: “Está na hora de a gente extirpar o espírito das ciências do espírito, das Ciências Humanas”. Depois de vários séculos, de

milênios, em que nosso pensamento, a filosofia, todos os esforços humanos, foram no sentido de a gente produzir sentido, produzir significado, interpretar o mundo, ler textos, interpretar, buscar o imaterial, é hora agora de buscar a dimensão material da vida, a dimensão material do pensamento. Ou seja: essa oposição espírito versus matéria. Mas, ao mesmo tempo, o Flusser não pode se equiparar totalmente à proposta do Kittler porque o Flusser mantém um resíduo humanista do pensamento. Ele não quer abandonar totalmente essa dimensão humanista, porque ele diz: “O sentido da comunicação é que exista uma intencionalidade humana”. Essa intencionalidade humana é que permite que a gente resista à entropia, é o que nos permite então criar sentido.

Eu diria assim, o Flusser foi um dos grandes pais da teoria da mídia contemporânea alemã porque já no pensamento dele se manifestava uma tríade que depois todos os pensadores alemães que iriam surgir entre os anos 80, 90 e até agora vão passar a utilizar. Infelizmente, essa teoria é praticamente desconhecida da gente. Pouquíssima coisa traduzida, mas extremamente interessante. Essa tríade transmissão, processamento e armazenagem é uma espécie de descrição de tudo praticamente que nós humanos fazemos. No sentido de que a gente pega informação, armazena informação, suportes, a gente processa essa informação e transmite adiante e assim se cria um ciclo contínuo.

Aliás, foi citado aqui esse livro maravilhoso do Flusser, o “*Vampyroteuthis infernalis*”, livro estranhíssimo porque é uma espécie de alegoria, uma fábula filosófica onde ele coloca a lula, o *vampyroteuthis*, como um personagem da fábula, e ele compara a lula ao humano e diz: “Nós e o *vampyroteuthis* fazemos exatamente a mesma coisa: nós transmitimos informação. Nós sobrevivemos, combatemos a entropia através desse processo em que a gente absorve informação, transmite, e isso também é função da arte”. A arte, em sua essência, é transmissão de informação. E plasmar a informação em suportes materiais. Isso é a arte. Então, no livro tem uma passagem muito bonita em que ele diz que o *vampyroteuthis* é um artista porque, como o humano, ele cria a arte no abismo. Ele vive nas fossas abissais, em profundezas absurdas que, para nós, seria o nosso inferno, e ele ilumina as fossas abissais, como várias criaturas que vivem nos abismos, ele produz bioluminescência. E ele diz: “O *vampyroteuthis* é um artista porque ele colore o oceano, ele produz luz, ele faz uma espécie de cinema marinho”. E, ao mesmo tempo, ele usa essas táticas biológicas para transmitir informação para os seus parceiros. Mas a diferença evidentemente é que a gente usa memórias, suportes artificiais, e o *vampyroteuthis* usa o suporte do código genético. A informação é transmitida através da espécie, através do código genético, enquanto a gente transmite informação por meio de suportes materiais.

Mas eu tinha falado para vocês, no pensamento do Flusser tem um resíduo humanista, que tem a ver com essa ideia de que nós somos essencialmente criaturas que criam coisas. Talvez

nessa tríade, armazenagem, processamento e informação, o ponto mais importante seja processamento porque ali no processamento é que a informação pode se renovar. Você pode criar nova informação, e é criando a diferença que, evidentemente, se cria a vida. Criando a diferença é que se resiste à entropia. No último livro, que não é um livro, ele não escreveu esse livro, mas na verdade são as palestras que o Flusser proferiu em Bochum, em 1991, no ano em que ele morreu, “*Kommunikologie weiter denken*”, “Continuando a pensar a Comunicologia”, o Flusser estende esses raciocínios. E aí, a impressão que a gente tem lendo o livro é que ele se aproxima ainda um pouco mais de desconstruir o sujeito humanista tradicional, o sujeito humanista clássico. Não é coincidência que quem escreve o prefácio desse livro é o Friederich Kittler, que convidou o Flusser para dar esse seminário, ser professor convidado da Universidade de Bochum. É muito curioso porque o Kittler é um autor que economiza muito os adjetivos. Ele não é uma pessoa, assim, digamos, muito generosa quando fala de outros pensadores, e no caso do Flusser ele é altamente elogioso. Ele tem frases assim, dizendo: “Das barbas do profeta saiam palavras que eram juízos, como relâmpagos”. Então, tem ali, sem dúvida, uma admiração pelo pensamento do Flusser que ele vai tentar resgatar para, digamos assim, as próprias concepções dele, para as próprias ideias dele. E, nesse livro, “*Kommunikologie weiter denken*”, o Flusser estende a proposta da Comunicologia. Ele diz: “A Comunicologia realmente seria uma espécie de ciência universal que iria analisar esses sistemas da natureza, o sistema vivo, humano, os sistemas maquínicos, os sistemas animais, e iria, então, investigar como funciona o armazenamento, o processamento e a transmissão da informação”. Essa nova ciência abarcaria virtualmente todo o universo da cultura, ela seria o equivalente daquilo que a teologia foi na Idade Média, a rainha das ciências. Ela estaria no topo da ordem do conhecimento. Então, ele constrói essa proposta da Comunicologia como uma ciência interdisciplinar, porque ela vai dialogar com vários outros campos, ela vai dialogar com todos os outros saberes, e ele, inclusive faz algumas advertências importantes para a área de Comunicação, para quem estuda Comunicação, dizendo: os burocratas não podem dominar o campo da Comunicação porque é lá que vai nascer o novo. É a aposta que ele faz. Na Comunicação é onde vai surgir a oportunidade do pensamento se renovar continuamente, de ter um devir do pensamento. Para ele, a Comunicação vai ser aquele lugar onde inclusive se tem uma dimensão artística. Não vai dar para pensar a Comunicação sem essa dimensão da arte porque é lá que vai se manifestar o aspecto criativo do homem. No momento em que a gente interage com os nossos aparatos tecnológicos, as tecnologias digitais, a imagem digital, a simulação, a realidade virtual, na dimensão artística e criadora dessas práticas é aonde, de fato, a Comunicologia vai se manifestar. E essa ciência do Flusser, como a Cibernética, é uma ciência operativa, é uma ciência performativa, ela não tem a proposta de conhecer todo o universo, ela não quer esgotar o conhecimento, pelo contrário, ela quer fertilizar a ciência com

um pouco de poesia. E essa talvez essa a parte mais interessante, mais bela do pensamento do Flusser, que é admitir que a ciência não pode saber tudo, admitir que a ciência não pode ser só cálculo, mas que tem uma dimensão também de ficção, tem uma dimensão de arte, tem uma dimensão de fábula. Toda a proposta desse livro *Vampyroteuthis Infernalis* é uma proposta de fertilizar a ciência com a fábula. A gente nota que ali tem uma linguagem altamente científica de descrição naturalista, das ciências naturais mas, ao mesmo tempo, tem ali poesia, tem ali fábula, como por exemplo essa ideia que você mencionou (volta-se para a professora Gabriela Reinaldo): o nojo recapitula a filogênese², a ideia de que as criaturas que estão mais longe da gente na ordem das espécies são aquelas que provocam mais desgosto. A barata, por exemplo, que a gente esmaga e sente aquela massa gosmenta debaixo do pé, aquilo é o que está realmente mais afastado da nossa ordem orgânica e aquilo é que provoca na gente o nojo.³

Então é uma ciência que também opera um pouco em cima desse princípio da caixa preta que, aliás, é um termo fundamental, por exemplo, da filosofia da fotografia do Flusser. A noção da caixa preta como algo que dentro a gente não entra, mas que a gente sabe o input e o output. E nesse processo então, diz o Flusser, nessa ciência performativa, sempre se pode permitir a introdução de elementos humanos não previstos, ou seja, a diferença, a criação, aquilo que se choca com, digamos assim, com o programa. Aí entra uma contradição, não tem resposta, mas é uma contradição para a gente pensar, porque se a gente for ler bem a *Filosofia da Caixa Preta*, por exemplo, é um livro onde a gente fica bem sem saber de que lado se está. Num momento do livro Flusser afirma categoricamente que o fotógrafo só pode operar segundo os programas que já estão dados na máquina. A máquina é uma série de códigos, programas que condicionam o seu uso. Mas, por outro lado, lá no final do livro ele vai e diz: não, mas o fotógrafo, ele pode jogar com o aparato. Então, ele pode de alguma maneira, digamos assim, passar ao largo ou torcer um pouco essas regras. E ficamos, então, em um território de tensão em que por um lado tem essa desconstrução do espírito, tem essa crítica do sujeito humanista, tradicional, o sujeito liberal, esse sujeito todo poderoso, que evidentemente a própria psicanálise vai também desconstruir, entre outras vertentes das ciências humanas, mas também existe ali essa dimensão dessa potencialidade humana da criação. Nós somos seres que criam o novo, nós fazemos diferença.

E aí se encontra essa visão heideggeriana, com essa perspectiva Cibernética. O livro que eu citei antes do Matusek ele, a certa altura do livro, descreve muito bem a tensão entre essas duas

² Refere-se à fala de Gabriela Reinaldo, que antecedeu à sua na ordem das apresentações no Simpósio e que está aqui publicada com o título “A natureza de Vilém Flusser”.

³ Neste momento, a prof.a Lúcia Santaella, que compunha a mesa, comentou com a prof.a Gabriela Reinaldo: “Clarice”. Ambas referiam-se à obra “A paixão segundo G.H.” da escritora Clarice Lispector. Nessa obra, a personagem principal, em meio à banalidade de sua rotina, esmaga uma barata e decide provar seu sumo. Esta experiência a coloca em contato com uma série de reflexões e descobertas que a afastam da visão civilizada que ela tem de própria sua vida.

forças. Ele diz assim: de um lado se encontra a busca heideggeriana por um pensamento alternativo, não calculante - seria, digamos assim, a dimensão da fábula do pensamento flusseriano – um pensamento não calculante que ele via redimido na poesia (grande leitor de poesia, de literatura, o Flusser). Do outro lado está a equação Cibernética que reduz o pensamento ao cálculo e cujos hieróglifos aspira, finalmente, a decifrar.

Então, a reflexão do Flusser não se resolve. Ela fica distendida entre uma tensão permanente, uma tensão entre o reconhecimento dos determinantes tecnológicos. É óbvio, nossa vida é muito condicionada hoje pelas tecnologias que a gente usa. O Kittler, que é muito mais radical nesse aspecto, diz: os meios determinam nossa situação, ou seja, não existe sujeito, não existe o homem, o que existe são meios, são tecnologias de comunicação. Mas Flusser fica distendido entre esses determinantes tecnológicos e a autonomia do agente humano. Entre uma defesa necessária de uma revisão do humanismo clássico e a convicção que é interessante preservar um certo elemento humano na nossa reflexão em relação ao futuro.

Eu queria encerrar citando um texto também do Flusser. É muito curioso, é um texto que se chama “Ordens de Magnitude e Humanismo”. É um texto bem pequeno. Eu não lembro agora se esse texto foi traduzido ou não, não sei se tem em português. Mas é um texto muito curioso em que ele diz o seguinte, ele começa falando: o humanismo hoje em dia, ele se fragmentou, está destinado ao fracasso. Não dá mais para a gente pensar com categorias humanistas tradicionais. É por isso – aproveitando para fazer um *merchandising* do livro que eu e a professora Santaella (Lúcia Santaella) estamos publicando em breve sobre Flusser —que eu acredito que no pensamento de Flusser existe uma dimensão que a gente poderia chamar de pós-humanista, ao mesmo tempo em que ela se tensiona com esse outro lado, com essa preservação de um certo impulso humanista. O livro se chama “O Explorador de Abismos – Vilém Flusser e o Pós-Humanismo”⁴. Porque quando Flusser, por exemplo, escreveu esse livro “Do Sujeito ao Projeto”, essa palavra que aliás ele usa no texto, *posthumanistisch*, essa palavra praticamente não fazia parte do vocabulário das ciências humanas na época e com a cibercultura, com a cultura digital, é que essa palavra apareceu como um tema fundamental da reflexão contemporânea. Agora, recentemente, na Universidade de Milwaukee o Richard Grusin, organizou um seminário chamado “*The nonhuman turn*”, a virada não humana, porque o pós-humanismo apareceu como um tema fundamental da reflexão contemporânea que envolve os direitos dos animais, uma nova relação do homem com o animal, o animal como ser consciente, a visão de que as máquinas têm também direito de cidadania como os homens, enfim, toda essa dimensão que tem sido classificada como pós-humanista e que faz parte da discussão contemporânea.

⁴ Editora Paulus, 2012.

Nesse texto, “As Ordens de Magnitude e o Humanismo”, o Flusser vai lentamente desconstruindo o humanismo clássico. Ele diz: a gente agora, nós estamos fazendo até nanotecnologias, começamos a mexer com o infinitamente pequeno e a gente tem telescópios poderosíssimos que permitem a gente ver o cosmos, tão infinitamente grande. Isso perturbou a dimensão humana do Universo. A gente não pode mais se situar no universo, claro, se colocando como uma espécie de polo do qual emana tudo. O infinitamente grande e o infinitamente pequeno nos tensionaram nesse novo universo. Mas, ao mesmo tempo, no texto ele diz: é muito injusto você chegar para uma criança que, por exemplo, está passando fome no Brasil, e dizer para ela que ela não está podendo comer feijão por causa dos determinantes econômicos da nova ordem mundial etc, etc. É muito injusto. Ou seja, é novamente essa tensão. Ele diz: tem que se preservar alguma coisa dessa hierarquia humana ao mesmo tempo em que não dá mais para a gente considerar o ser humano como o centro do universo. Ele diz então: o problema, o grande problema hoje é que para firmar essa ordem de magnitude humana, o novo humanismo deve apelar a algo sem nome. Essa é uma das partes mais misteriosas do texto: *auf irgend etwas Namenloses berufen*, apelar a algo sem nome. O que é esse algo sem nome? Óbvio, é Deus. Na tradição judaica Deus inclusive, paradoxalmente, ele é chamado de *HaShem*, “O nome”. Mas o “sem nome” é Deus. E o que é Deus nesse texto? Claro, não é o nosso Deus tradicional, da tradição humanista clássica, das religiões monoteístas. Deus é uma alegoria que funciona exatamente como aquilo que é o sem medida, aquilo que ultrapassa toda a medida humana, ou seja, o limite que a gente tem que se colocar é um limite de ordem ética.

Na Idade Média, esse limite era expresso com um dito medieval que era *Noli Altum Sapere*, não se deve querer saber muito, não se deve buscar o saber que só pertence a Deus, aos Deuses. Ou seja, temos que colocar uma fronteira hipotética na nossa pretensão humana de dominar a natureza, de fazer com que a ciência seja o império do mundo e, a partir daí, estabelecer então esse limite operativo das possibilidades do humano. Em Flusser, evidentemente, não se trata da questão divina, mas se trata de combater a linearidade do pensamento científico tradicional. Isso que no texto ele define como *rechnendes Denken*, o pensamento calculador que tem que ser combatido por um pensamento de tipo tortuoso, *gewundene*, o pensamento da tortuosidade que tem a ver com o indefinível, tem a ver com a poesia, tem a ver com essa dimensão do não racional. Eu faria a aposta de que essa dimensão flusseriana do não racional, do poético, do devir do pensamento, do criativo aponta para uma forma de pensamento que não é, evidentemente, da filosofia clássica, que não é evidentemente baseada nesse sujeito humanista tradicional e clássico, mas que é um tipo de pensamento que tem convergências com a questão do pós-humanismo.

Infelizmente não vai dar para desenvolver muito em função do tempo, mas que aponta para a gente alguns caminhos ricos para o homem se reinventar, para o homem repensar seu papel no

cosmos. Aliás, em relação a isso Flusser não tem nenhum pudor, ele diz: vamos inventar o nosso corpo, vamos repensar enquanto entidades orgânicas, vamos usar a ciência, a tecnologia genética para nos reprogramar. Para muitas pessoas isso seria um escândalo, mas se aproxima muito com a proposta, por exemplo, de um pensador alemão *Peter Solterdijk*, da possibilidade de usar a tecnologia genética em favor do aperfeiçoamento da espécie humana.

No fim das contas, o que eu acho que fica como uma mensagem importante para nós é essa abertura do pensamento à poesia e também esse encontro do pensamento com o que é o outro. A gente hoje de manhã falou tanto na questão do outro e da diferença e isso para mim é o elemento talvez fundamental da reflexão flusseriana. O outro é o diferente, é o animal, é a máquina é o cyborg, a natureza, o mundo, é aquele mistério dessa outra entidade com a qual a gente tem que lidar e a gente nunca consegue resolver plenamente. E no centro disso está a questão da comunicação, claro. A comunicação não é indicativa dessa falta que constitui o homem? Para que iria existir a comunicação se não em função do encontro com o outro, do diálogo com aquele que tem aquilo que me falta? A comunicação existe para eu completar o que me falta através do outro. Claro, em Flusser é um diálogo estranho, estendido muito além dos limites do humano. Ele envolve a conversação com todas as espécies, com os animais. Todos esses animais habitaram o texto do Flusser: seres de outro mundo – inclusive um texto dele está traduzido nesse livro: “Seres de Outro Mundo” – estranhos animais, criaturas marinhas, vidas de forma futura que hoje a gente não pode nem imaginar. Ou seja, tudo isso, esses encontros com esses muitos outros fora das nossas tradicionais zonas de conforto. Como advertiu o próprio Flusser, a história tem camadas profundas e a Europa já percorreu inteiramente o caminho que leva do progresso ao inferno (isto está no livro “A História do Diabo”). Ele faz também um trocadilho, digamos assim, com a palavra alemã *Geschichte*, história, e *Schichte*, camadas, mostrando que a história é feita de várias camadas. A Europa já percorreu esse caminho, ou seja, a Europa já era, está ultrapassada, então vamos pensar agora outros cenários culturais onde essa história possa se refazer. E talvez, quiçá, sejamos nós, aqui, nessas terras periféricas, onde reinam a preguiça e a tristeza, que temos a árdua tarefa de encontrar outras rotas e outros futuros, talvez outros modelos pós-humanos, de humanidade.